



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O ENSINO DA ORALIDADE: CONCEPÇÕES DE DUAS PROFESSORAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Sara Talita Cordeiro Vilela (1); Edmárcio Peixoto de Souza (2); Ivaldo Eliziário dos Santos (3);
Jamille Oliveira de Melo (4); Orientador Renato Lira Pimentel (5)

1 Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE-UAG)

talita123vilela@hotmail.com

2 Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE-UAG);

edpeixoto@outlook.com

3 Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE-UAG)

ivaldo.dm@hotmail.com

4 Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE-UAG)

mille.oliveiramelo@hotmail.com

5 Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

lira.pimentel88@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como finalidade compreender a concepção de duas professoras do 4º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Albino Moreira da cidade de Jucati - PE, sob o viés do ensino da oralidade em sala de aula. O interesse pela pesquisa surgiu a partir de reflexões acerca de que acreditamos que o professor e o aluno fazem uso da fala no cotidiano escolar, porém, sendo pouco explorada pelo educador como algo que deve ser ensinado de forma sistemática e planejada. Como ressaltam Dolz, Shneuwly e Haller (2004 p. 125) “Embora a linguagem oral esteja bastante presente nas salas de aulas [...] frequentemente ela não é ensinada, a não ser incidentalmente, durante atividades diversas e pouco controladas”.

Portanto, este trabalho tem como objetivo discutir a importância de se trabalhar com a oralidade em sala de aula está ancorado na ideia de que as modalidades de gênero dessa prática comunicativa devem ser trabalhadas com frequência, objetivando propiciar aos alunos o conhecimento sobre suas principais características. Destacando também a sua importância no que concerne ao domínio e a habilidade de saber falar coerentemente nas diversas situações que o mesmo irá se deparar, tanto na escola quanto na sociedade em que está inserido. Schneunwly (2004 p. 116) enfatiza que “saber falar, não importa em que língua, é dominar os gêneros que nela emergiram historicamente, dos mais simples aos mais complexos”. Portanto, é fundamental trabalhar a oralidade de maneira consistente e diversificada, visando que o preparo do aluno para se



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

colocar verbalmente é viabilizar a oportunidade dele ir ampliando assim o domínio da linguagem oral.

A pesquisa em tela encontra-se em andamento, os resultados parciais já apontam para o fato de que a abordagem da oralidade na sala de aula, sob a ótica docente, parece contemplar algumas das dimensões ensináveis da expressão oral, as quais se materializam por meio de atividades que envolvem, por exemplo, a oralização de textos escritos até a produção de gêneros orais da vida cotidiana. No entanto, o papel da escola é fazer com que o aluno desenvolva o domínio da linguagem formal “[...] já que o papel da escola é sobretudo o de instruir, mais do que o de educar em vez de abordamos os gêneros da vida privada cotidiano, é preciso que nos concentremos no ensino dos gêneros da comunicação pública formal” (DOLZ, SCHNEUNWLY, HALLER, 2004, p.146).

METODOLOGIA

A pesquisa se caracteriza como de campo, pois realizamos duas entrevistas semiestruturadas com o intuito de compreender a concepção de duas professoras da Escola municipal Albino Moreira, Jucati - PE a respeito da oralidade e conhecer se as mesmas trabalhavam este eixo de ensino em sala. A professora P1 é graduada e tem especialização em Psicopedagogia pela Universidade de Pernambuco (2007) e trabalha na mesma escola há 23 anos; a professora P2 trabalha há um ano na escola, e sua graduação foi em 1998 também em Pedagogia.

A pesquisa de campo permite ao pesquisador um contato direto com o objeto pesquisado, ou seja, ter uma aproximação com a realidade social em que está inserido para obtenção de informações para a coleta de dados. Portanto, o pesquisador tem que ir ao campo, como enfatiza Gonsalves (2001, p. 67) “A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto [...]”.

Utilizamos a entrevista semiestruturada para coletar os dados que tinha como intuito obter informações sobre o objeto que estamos estudando com mais clareza “a entrevista representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados” (LUDKE E ANDRÉ, 2012, p. 33). Assim, a entrevista é comum a utilização em pesquisa de campo principalmente no ambiente escolar “a grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada [...] sobre os mais variados tópicos (LUDKE E ANDRÉ, 2012, p. 34).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados das análises iniciais deste estudo foram construídos através de uma entrevista semiestruturada com as docentes que lecionam em turmas do 4º ano de uma escola municipal de Jucati-PE. As docentes são licenciadas em Pedagogia e possuem uma trajetória longa em sala de aula, as participantes da pesquisa serão nomeadas como professora P1 e professora P2 visando assim, preservar a identidade das mesmas.

Perguntamos, o que é trabalhar com a oralidade? A professora P1 respondeu da seguinte maneira, “*é bom porque ali você está adquirindo os conhecimentos que os alunos têm, tanto eu passo como também eles trazem para dentro da sala de aula os conhecimentos deles dentro da*



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

produção de texto”. Percebemos que a professora relaciona a oralidade como o momento de conversa entre os alunos. O diálogo é um dos meios para se trabalhar com a oralidade, mas, é necessário que se tenha uma concepção de aprendizagem/ensino por meio da fala e não só uma conversação entre o alunos/professor, de acordo com Parâmetros Curriculares Nacionais.

Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acessos a usos da linguagem mais formalizadas e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania (BRASIL, 1998, p. 67).

A professora P2 respondeu a mesma pergunta ressaltando: *“leitura individual, leituras e leituras trabalhadas em grupo, compartilhadas e apresentações de livros de maneira individual em grupo para que eles percam a sua timidez para desenvolver melhor”*. É notável que a professora trabalha com a oralidade por meio de leituras, apresentações de trabalhos com expectativa de tirar a timidez dos alunos. É importante frisarmos que o ensino com a oralidade tem que ir além de uma leitura com o objetivo de tirar a timidez.

Como afirmam Schneuwly e Dolz (2004, p. 76) *“há um desdobramento que se opera em que o gênero não é mais instrumento de comunicação somente, mas é, ao mesmo tempo objeto de ensino- aprendizagem”*. Portanto, a oralidade tem que se vista como objeto de ensino que promova a aprendizagem não só como oralização em sala de aula.

Perguntamos também: de que maneira você trabalha a oralidade? P1 respondeu: *“Eu peço para eles fazerem pesquisas para eles apresentarem, as produções de texto, eles leem também nos livros, a gente vai para biblioteca, aí eles leem o livro e depois comentam o livro que eles leram, trabalham também a questão da fala do aluno, na leitura de imagens no livros, tem livros que só tem imagens aí eles vão criar as histórias deles e isso é mensal, porque, toda semana o aluno leva o livro para casa e depois tem que contar a história na sala de aula”*.

No entanto, P2 respondeu de forma curta: *“de maneira individual e em grupo só”*. Percebemos que P2 apresenta algumas dificuldades sobre como dever ser desenvolvido o trabalho com a oralidade e P1 relaciona o ensino da oralidade com a apresentação de trabalho, pesquisa, leituras de livros e depois socialização das leituras que são formas de desenvolvimento da linguagem oral dos alunos, porém relacionam também a oralidade com a produção textual e essa visão de relacionar oralidade versus escrita é algo que vem persistindo e que precisar ser mais discutido para tirar algumas dicotomias que persistem em continuar no espaço escolar. Sobre isso, pensamos: *“as relações entre fala e escrita não são óbvias nem lineares, pois elas refletem um constante dinamismo fundado no continuum que se manifesta entre essas duas modalidades de uso da língua. (MARCUSCHI, 2010, p. 34). Ressaltamos que não se trata de tornar o ensino da fala autônomo mais que deve estar interligado com a escrita como salienta (MARCHUSCHI 2007 p.42) “[...] não trata de transformar a fala num conteúdo autônomo no ensino de língua: ela tem de ser vista integradamente e na relação com a escrita.*

Cabe ser mencionado que as professoras P1e P2 ressaltaram as apresentações de seminários e de livros. É importante levar em considerações outros aspectos, tipo a forma de se expressar do



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

aluno, os gestos entre outras características que também servem como forma de avalia-lo, ou seja, sua postura e sua forma de argumentar e desenvoltura na realização das atividades que são propostas, como salienta Dolz & Schneuwly (2004, p. 225).

[...] a oralização envolve a gestualidade a cinestésica: um certo gesto ilustra um propósito, como uma postura cria a convivência. Ou seja: envolve a tomada de consciência da importância da voz, do olhar, da atitude corporal em função de um determinado gênero (exposição, debate) ou de um evento comunicativo.

Ao fazermos a pergunta sobre quais são as dificuldades encontradas por elas para desenvolver o ensino da oralidade com os alunos? P1 respondeu: *“A escrita deles... tem uns que já escrevem bem, que você entende bem, agora tem uns que têm muita dificuldade... assim... o problema que eu também sou tímida e também eles não querem falar e eu peço que eles escrevam”*. Percebemos que a resposta da P1 colocou a dificuldade em desenvolver o ensino com a oralidade relacionado com a escrita. Diante disso, a professora sempre está interligando a oralidade com a escrita, além disso, a prioridade é fazer com que a criança apreenda a escrever e a desenvolver as possibilidades orais dos alunos para que seja capaz de *“interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações”* (BRASIL, 1997, p. 21).

A segunda professora P2 pontuou as suas dificuldades devido à turma ser muito diversificada. Isso é um problema muito sério para os professores que muitas vezes prejudicam de certa maneira o desenvolvimento de suas aulas se não houver preparo, pois necessitam fazer atividades diversificadas para os alunos e dar assistência a todos. Sobre isso: *“As dificuldades são... no momento... eles ainda não estão tão compreensíveis em saber ouvir... estão muito agitados, também que aqui a turma não é uniforme, é variada a idade, e tem entre 9 anos e um de 15 anos vamos dizer assim, é uma idade variada e isso é uma dificuldade se fosse em uma turma que tivessem uma idade só as atividades seria melhor porque eu faço atividade diversificada. E eu tenho dificuldade por falta de matérias que são pouco que explique como deve ser trabalhada a oralidade porque o livro didático não explicar muito bem não”*.

A carência de materiais didáticos ressaltada pela professora P2 é um dos fatores que vem contribuindo para a dificuldade de se desenvolver o ensino com a oralidade de maneira mais sistemática e consistente para os alunos. Dolz, Schneuwly e Haller (2004) ressaltam que: *“[...] o ensino escolar da língua oral e de seu uso ocupa atualmente um lugar limitado. Os meios didáticos e as indicações metodológicas são relativamente raros; a formação dos professores apresenta importantes lacunas”* (p. 150).

Em relação a resposta de P1 que enfatiza a dificuldade com o ensino com a oralidade e com a escrita, essa omissão está relacionada também a escassez de estudos com foco no ensino da oralidade *“[...] estudo da classificação das interações verbais orais é bem recente e menos sistemático que a classificação dos textos escritos”*. (Marcuschi, 2003 p.186-187). Assim, Dolz e Schneuwly 2004 salientam que o ensino da fala com a escrita deve ser realizado de maneira conjunta, ou seja, levando em consideração as contribuições dessas duas modalidades, de tal forma,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

que são muitas as possibilidades de trabalho com foco nas relações entre a oralidade e a escrita. Tal articulação também é enfatizada pelos os autores.

Para uma didática em que se coloque a questão do desenvolvimento da expressão oral, o essencial não é caracterizar o oral em geral e trabalhar exclusivamente os aspectos de superfície da fala, mas, antes, conhecer diversas práticas orais de linguagem e as relações muito variáveis que estas mantêm com a escrita. (DOLZ E SCHNEUWLY p. 168)

Por fim, perguntamos sobre, qual o objetivo de se trabalhar com a oralidade na sala de aula? Segundo a professora P1: *“É bom porque isso desenvolve muito o aluno, mas assim, tira mais a timidez porque na época em que a gente estudava não abria a boca quem só falava era só o professor e agora não, o aluno próprio já fala, não professor e assim, cada um tem a sua opinião e ajuda bastante para um curso superior arrumar um emprego e para uma entrevista eles já vão apresentar melhor e falar melhor”*.

E a P2 respondeu: *De grande importância, primeiro porque quando a criança aprender a ler e escrever tudo torna mais fácil e quando a criança vem sem ser alfabetizada que dificulta um pouco*. De acordo com as duas respostas, elas frisaram e relacionaram a importância da oralidade na formação cidadã do aluno e sua inserção na sociedade de maneira participativa e ativa, como também os próprios PCN de 1997 ressaltam que “[...] não se trata de ensinar a falar ou a fala ‘correta’, mas sim as falas adequadas ao contexto de uso (p.20).” Portanto, é importante preparar o aluno para que seja capaz de adequar a fala de acordo com o contexto e que saiba se colocar de maneira coerente e reflexiva.

O objetivo principal de se ensinar a oralidade é fazer com que o aluno compreenda a variedade e a riqueza de variações da palavra e sua utilidade, ou seja, “trata-se de identificar a imensa riqueza e variedade de usos da língua” (MARCUSCHI 2005, p. 24). Portanto, não é ensinar o aluno a falar, isso ele já aprendeu no contexto em que estava inserido, no entanto, é trabalhar a variedade do uso da língua, não somente como as professoras vêm ressaltando, só para tirar a timidez, mas o objetivo é também fazer com que o aluno amplie seu vocabulário de discurso.

CONCLUSÕES

Concluimos que, apesar das dificuldades que são presentes no ensino da oralidade, é necessário que desenvolvam o ensino oral consistente, que vise proporcionar o desenvolvimento dos alunos na linguagem oral formal “ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acessos a usos da linguagem mais formalizadas e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação” (BRASIL, 1998, p. 67). Seja visto como algo que precisa ser ensinado e compreendido pelo aluno preparando assim, para que seja capaz de comunicar-se adequadamente, de acordo com a situação que é imposta na sociedade “tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania” (BRASIL, 1998, p. 67).

Como ressalta Marcuschi (2005), é necessário percebermos que o ensino de língua na escola não busca formar o aluno um linguista ou analista da fala de texto ou conversação, mas “tudo se resume a este objetivo: ensinar os alunos a perceberem a riqueza que envolve o uso efetivo da



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

língua como um patrimônio maior do qual não podemos abrir mão” (MARCUSCHI, 2005, p. 32). Portanto, o ensino de língua oportuniza uma grande possibilidade de usos, pois, o aluno diariamente está fazendo uso da língua para se comunicar, argumentar entre outras coisas.

Por fim, é importante ser mencionado que as dificuldades encontradas pelas professoras para desenvolver o ensino com a oralidade é ocasionado devido à lacunas que estão presentes no ensino com a oralidade. Podemos mencionar, por exemplo, a própria formação acadêmica em que é pouco trabalhada a concepção da oralidade e os livros didáticos também, nos quais não há uma sistematização e uma clareza de como deveria ser trabalho a oralidade em sala de aula.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasil: 1998

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; HALLER, Sylvie. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e col. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane H. R. Rojo e Gláís S. Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 149-214.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

LUDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”**. In: DIONISIO, Angela Paiva, BEZERRA, Maria Auxiliadora. **O livro didático de Português: múltiplos olhares**. 3. Ed, Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Concepção de língua falada nos manuais de Português de 1º E 2º Graus: Uma visão Curricular**. Belo Horizonte, MG, Julho de 1997.

SCHNEUWLY, Bernard. **Palavra e ficcionalização: um caminho para o ensino da linguagem oral**. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e col. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane H. R. Rojo e Gláís S. Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 109-124.